

# JOSÉ PINTO PEIXOTO

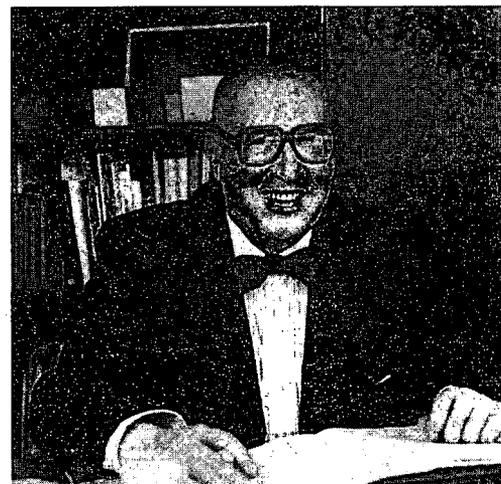
## (1922-1996)

*A ciência e a cultura portuguesas acabam de perder um dos seus vultos mais representativos, o nosso querido colega Professor José Pinto Peixoto. O seu falecimento causou uma profunda emoção na comunidade dos físicos portugueses, pois aliava às suas excepcionais qualidades de cientista e pedagogo, uma espontânea e contagiante simpatia, e uma permanente afirmação de vitalidade e confiança no futuro.*

*Foi Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde fundou uma escola de termodinâmica, meteorologia e geofísica. Colaborou com novas universidades portuguesas, como as Universidades da Beira Interior e do Algarve. No estrangeiro, foi professor convidado do Massachusetts Institute of Technology e da Universidade de Princeton, além de colaborador científico de vários outros laboratórios e institutos.*

*Foi presidente do Instituto Geofísico do Infante D. Luiz. Foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Recebeu o Prémio Boa Esperança da JNICT em 1990. Foi autor de vários trabalhos científicos nas melhores revistas da sua especialidade e, por vezes, em co-autoria com alguns dos nomes de maior prestígio (Victor Starr, seu mestre no MIT, e Abraham Oort), nos anos cinquenta e sessenta, quando o sistema científico português era pouco mais do que embrionário. Foi o único autor português com artigos de revisão publicados na *Physics Today*, na *Review of Modern Physics* e na *Scientific American*. O seu livro *Physics of Climate* é considerado a bíblia no estudo do clima à escala planetária. Introduziu entre nós o estudo do caos, facto a que não é alheio o seu convívio com Edward Lorenz, o descobridor do famoso "efeito borboleta". Amava o ensino e publicou vários artigos e livros de carácter pedagógico e de divulgação, nomeadamente em colecções da Secretaria de Estado do Ambiente e da Universidade do Algarve.*

*A Sociedade Portuguesa de Física sempre contou com a dedicada colaboração do Prof. Pinto Peixoto, e de modo muito especial nas suas Conferências Nacionais de Física. A sua lição de jubilação, "A Física e o Ambiente: uma visão actual" foi publicada na *Gazeta de Física* em 1993. A sua última lição teve lugar em Faro, em Setembro último, por ocasião da *Física 96* e, como as muitas outras que proferiu ao longo da vida, conquistou a audiência pela sua conjugação idiossincrática de rigor com humor. Deixa saudades e um exemplo ímpar na comunidade dos físicos portugueses. A *Gazeta de Física* associa-se ao pesar generalizado e, em tributo ao ilustre cientista e professor, publica depoimentos de discípulos, colegas e amigos.*



Sociedade Portuguesa de Física

### — Meu Mestre, meu Amigo

Morreu em Lisboa, na sexta-feira 6 de Dezembro de 1996 o nosso Professor.

Nascido em Miuzela, concelho de Almeida a 9 de Novembro de 1922, veio frequentar o Liceu de Gil Vicente em Lisboa cujos cursos geral e complementar concluiu com distinção e aos 22 anos de idade (1944) licenciou-se em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL).

Começa a sua ligação à Meteorologia nos finais de 1945 através de estágio no Observatório Central Meteorológico (hoje Instituto Geofísico) do Infante D. Luiz da Universidade de Lisboa que concluiu com a informação final de excelente. Ao ser criado o Serviço Meteorológico Nacional ingressa nos seus quadros — é um dos fundadores, que se empenha no desenvolvimento da Meteorologia em Portugal desde então. Licenciado em Ciências Geofísicas na FCUL em 1952 é nomeado aí assistente extraordinário de Físico final de 1952, e encarregado da regência da cadeira de Meteorologia, na ausência do titular Prof. Amorim Ferreira (Director do

Serviço Meteorológico Nacional) das aulas práticas da cadeira.

É nessa situação que nos encontramos no ano lectivo de 1953/54. Poucos alunos então permitiam um convívio intenso (como hoje); imediatamente estabelecemos laços de amizade que perduraram todos estes anos. Com ele aprendemos a desbravar os domínios da Meteorologia e doutras disciplinas do nosso curso. Sempre vivo e interessado a todos ajudava com simplicidade e alegria. Começava então a surgir o Mestre destas duas gerações de físicos em Portugal.

Após ter iniciado a sua carreira de Assistente, logo no final desse ano lectivo obteve da Academia das Ciências de Lisboa uma bolsa de estudo para, durante dois anos frequentar, nos Estados Unidos da América do Norte, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (M.I.T.).

Regressa no final de 1956, mas logo a partir de 1957, passou a "staff research member" do M.I.T., após ter feito prova da sua capacidade científica e pedagógica pela série de lições teóricas proferidas no âmbito da disciplina de Meteorologia Dinâmica IV do curso pós-graduação do Departamento de Meteorologia do M.I.T. (em 1955/56).

A partir de então intensifica o seu relacionamento com os cientistas do M.I.T. e em particular com o Prof. Victor Starr, onde passa a orientar e dirigir trabalhos no âmbito do "Projecto das Circulações Planetárias" que sucedera ao "Projecto de Circulação Geral da Atmosfera". Continua a fazer estadias sistemáticas no M.I.T., mesmo após ter-se apresentado a provas de Doutoramento na Universidade de Lisboa em 1959. Os seus trabalhos docentes (encarregado desde o seu regresso dos EUA da regência da disciplina de "Meteorologia" e em 1965 também de "Termodinâmica", "Termodinâmica e Elementos de Mecânica Estatística" e do "Curso de Termodinâmica") não o impedem de continuar a sua carreira de Meteorologista do S.M.N. (promovido a meteorologista-chefe em 1960). Obtém o título de Professor Agregado de Física em 1964.

No exercício das funções docentes na FCUL e na sua qualidade de meteorologista-chefe e Director da Divisão de Estudos do S.M.N., procurou inculcar nas gerações discentes o interesse e dedicação aos novos rumos da Meteorologia e da Climatologia e conseguir resultados brilhantes no seio do grupo que criou.

A par do intenso trabalho que desenvolveu nas instituições americanas, colaborando nas equipas do Prof. Starr e que se foi traduzindo por publicações especializadas nas mais prestigiosas revistas internacionais, empenhou-se na Universidade de Lisboa em perspectivar as actividades no Instituto Geofísico do Infante D. Luiz, de acordo com as exigências das respostas da Meteorologia aos desafios das sociedades modernas e também no âmbito da Sismologia, da Hidrologia, da Oceanografia e da Protecção Ambiental. Promoveu os primeiros Cursos de Hidrologia nas Universidades Portuguesas, introduziu o ensino da Oceanografia e apoiou o desenvolvimento e investigação em Geofísica Interna.

Os seus trabalhos no âmbito da Circulação Geral Atmosférica e do ciclo hidrológico são reconhecidos por toda a comunidade científica e citados continuamente.

Em contacto também com cientistas notáveis, que tiveram por mentor Victor Starr, como E. Lorentz, B. Saltzman, A. Oort, J. J. Smagorinsky, A. Wiien-Nielsen, entre outros influenciou as tendências da investigação científica do nosso tempo, sobretudo no âmbito da Meteorologia e da Hidrologia. Mais recentemente dedicou-se a penetrar mais profundamente na Física do Clima e de parceria com Abraham Oort publica o best-seller American Institute of Physics, "Physics of Climate", com que obterá o Prémio Boa-Esperança em 1993. Na dedicatória do exemplar que me ofereceram escrevem os autores "... ao nosso Colega e Amigo que gostará de ver publicado" os frutos dos nossos trabalhos e canseiras "oferecemos como prova de muita consideração, amizade e estima". Tendo acompanhado a par e passo a elaboração desta obra notável, e, entusiasmado com a sua leitura prévia, já lhe previa o sucesso, redobrando o estímulo para a sua publicação, a obra prima que culmina todo o trabalho científico desenvolvido pelos autores em projectos anteriores.

José Pinto Peixoto foi um académico notável, eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa em 1963, dedicou-se-lhe integralmente sobretudo quando foi assumindo a Presidência, desde 1980.

Representando Portugal e a comunidade científica portuguesa em inúmeras conferências nos domínios da Meteorologia e Hidrologia e empenhou-se na promoção de inúmeros projectos de investigação na União Europeia e fez parte de comissões científicas quer em Portugal quer no estrangeiro, foi Membro "Scientific Committee of the European Centre of Medium Range Weather Forecast" (1983-86), Vice-Reitor da Universidade de Lisboa (1969-74), Presidente da Secção Portuguesa das Uniões Internacionais de Αστρονομία, Geodesia e Geofísica (SPUIAGG) (1979-1996).

Os resultados da investigação foram publicados em várias revistas da especialidade nacionais e estrangeiras entre as quais se destacam:

Quart. Jour. Royal Met. Soc., (Inglaterra), Tellus, (Suécia); Pure and Appl. Geoph., (Suíça); Nordic Hydrol. (Dinamarca); Arch. fur Meteo. Geoph. und Biokl., (Áustria); Riv. Italiana di Geofisica, (Itália); Geofisica Pura e Applicata, (Itália); La Recherche, (França); Revista Met. Real Sociedad Met. Española, (Espanha); Portugaliae Physica, (Portugal); Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, (Portugal); Journ. of Geoph. Research, (EUA); Monthly Weather Review, (EUA); Journ. of Atm. Sciences, (EUA); Journ. of Climatology, (EUA); Review of Modern Physics, (EUA); Water Resources (EUA); Selected Meteorological Papers, Meteor. Soc. of Japan (Japão), etc.

Foi convidado para proferir conferências sobre os seus trabalhos em diversos organismos internacionais, (WMO, UNESCO, NATO, KNMI (Holanda), ICSU, UGGI) e seminários e lições em várias Universidades, Serviços Meteorológicos Nacionais, Academias de Ciências de vários Países, Congressos e Simpósios Internacionais, etc.

Em resultado da sua actividade na investigação foi orador convidado em numerosos ASI (Advanced Scientific Institute) da NATO, preparando vários capítulos para as respectivas publicações.

Interessou-se também pela divulgação da ciência sobretudo no domínio das ciências ambientais. Além das conferências proferidas para um público diversificado publicou opúsculos de divulgação (através da Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais) inseridos na colecção "O Homem, o Clima e o Ambiente". Em Conferências e Memórias publicadas reflectia o seu pensamento crítico sobre a evolução da Ciência e das tendências actuais do mundo científico.

Durante mais de 40 anos foi um companheiro permanente, empenhados ambos no desenvolvimento das Ciências Geofísicas em Portugal, tivemos oportunidade de juntos celebrar alguns êxitos, mais os seus do que os meus.

Como Presidente do Conselho do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo e como Presidente da Associação Regional VI (Europa) da Organização Meteorológica Mundial, tive oportunidade de propor, com orgulho de discípulo e amigo, o nome de José Pinto Peixoto para funções especializadas, sempre colhendo unanimidade de aceitação e respeito. Continuará a ser uma referência obrigatória, multifacetada, nas Ciências da Atmosfera, Hidrologia e na Climatologia.

O nosso convívio veio a intensificar-se com o meu ingresso na FCUL, que se deveu, sobretudo, à sua insistência, logo que regresssei com o doutoramento feito em França, em 1970.

O Director do Instituto Geofísico do Infante D. Luiz da Universidade de Lisboa estava então envolvido numa luta pela sobrevivência das Ciências Geofísicas na Universidade de Lisboa, que teve desde logo a minha adesão total.

Foi logo possível iniciar trabalho de investigação em Ciências Geofísicas, no âmbito de projectos financiados pelo Instituto de Alta Cultura, com a colaboração do Laboratório de Física da FCUL.

Com a criação do Instituto Nacional de Investigação Científica surge o Centro de Geofísica da Universidade de Lisboa que ficaria sediado no I.G.I.D.L. e onde seriam definidas várias linhas de investigação nos domínios da Meteorologia, Climatologia, Geofísica Fundamental e Aplicada, Prospecção Geofísica e Oceanografia Física.

Estas iniciativas, desencadeadas pelo Prof. Pinto Peixoto, vieram permitir a expansão da investigação científica das nossas áreas e proporcionaram a execução de doutoramentos em várias Universidades nacionais e estrangeiras.

José Pinto Peixoto foi um Professor brilhante de duas gerações de físicos e meteorologistas que foi capaz de transmitir aos seus discípulos, de forma excepcional, a sua visão da Física e os seus profundos interesses científicos sobretudo nos domínios da Meteorologia, da Termodinâmica e da Matemática Aplicada.

A influência dos seus trabalhos científicos continuará a verificar-se no futuro e a sua memória perdurará em todos aqueles que o tiveram como Mestre, companheiro de muitos anos e amigo certo em todas as ocasiões.

A todos quantos com ele privavam, aos seus discípulos, aos seus amigos e colegas o Professor José Pinto Peixoto faz muita falta. Perdeu a Universidade portuguesa um dos seus mais elevados expoentes.

**Luiz Mendes Victor**

Faculdade de Ciências e Centro de Geofísica  
da Universidade de Lisboa

## — Em verdade e memória de José Pinto Peixoto

Faleceu nos princípios de Dezembro, no dia seis, o Professor Doutor José Pinto Peixoto, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Presidente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, isto além do mais que outros têm vindo a referir e ainda referirão.

Em energia, aparente saúde e esperança era um homem novo.

Era tranquila, quase tranquila, a sua voz que de véspera, ao telefone, lhe ouvi.

«Desejo-lhe do coração...» riu-se, suspendeu pensativamente a voz e tornou a sorrir, em esperança, vontade e certeza de viver.

Amava a vida, julgo que não receava a morte. Quanto hoje aqui digo respeita essencialmente ao Homem, não exactamente ao Cientista, ao Professor, que também o era e de grande mérito e brilhantes qualidades.

Pinto Peixoto era um homem que sorria, sorria sempre, falava e das palavras que nos dava e deixava aflorava, afirmava-se, a sua preocupação maior: a Academia.

Há palavras que se descobrem, se instalam e usam durante uns tempos, uma espécie de moda.

Trabalham honestamente, depois regressam à tranquilidade habitual da sua significação e conseguem também o seu habitual significado e uso. Refiro-me à actualíssima «visibilidade» e aí de quem não a possuía.

Para o Professor Pinto Peixoto a visibilidade da Academia era quase evidente no mundo: da Cultura e da Ciência mas, pragmaticamente, lutar sempre... com convicção e esperança quando, estranhamente, assim não sucedia.

Hoje temos esperança, mais do que esperança, a certeza de que a Academia ganhou a renovada visibilidade que se construiu em mais de duzentos anos de serviço ao País e Cultura.

Os novos tempos foram-nos anunciados na última reunião dos efectivos da Classe de Ciências a que presidiu, no dia 17 de Outubro.

A plena e lúcida consciência da legitimidade da Academia, dos serviços prestados, das suas potencialidades preocupava-o.

A Universidade onde o Professor Pinto Peixoto em plena dedicação exerceu funções da maior responsabilidade e deixou a forte recordação de aulas que cativavam e marcavam todos aqueles que foram seus alunos, também, e apesar de jubilado, estava sempre presente.

Assim era e também com os Institutos e Organismos ligados à Geofísica, à Meteorologia onde era especialista e exerceu uma acção decisiva e criadora, reconhecida além fronteiras.

Neste universo se movimentava Pinto Peixoto e, apesar das funções de responsabilidade em que estava envolvido e exercia, o seu optimismo e esperança eram, foram, a marca indelével da sua personalidade.

Sorria, sorria sempre.

Abençoada independência que a vida universitária, quando vivida plena e profundamente, faculta e dá.

Abençoada independência de um homem livre e simples, despreocupado de ganhos e bens materiais.

Nem todos podem ser assim, e não é pecado, mas ele era.

Lisboa, 26/12/96

**M. P. Abreu Faro**

Academia das Ciências de Lisboa  
e Instituto Superior Técnico

## — Cientista de eleição, académico exemplar

Conheci José Pinto Peixoto na primeira metade da década de 1940, éramos nós alunos da Faculdade de Ciências de Lisboa; mas como ele se encontrava alguns anos mais avançado, a nossa familiaridade só começou a desenvolver-se um pouco mais tarde, quando nos voltámos a encontrar como assistentes e encarregados de regência da «nossa» Faculdade. Catedrático da mesma geração, não raras vezes trocávamos impressões sobre os programas das nossas cadeiras, e algumas opções que eu próprio tomava sobre assuntos a dar em Cálculo Infinitesimal eram determinantes pelo que ele me dizia ser importante para a «sua» Termodinâmica – disciplina que

renovou por completo (bem como a Meteorologia) ao ver-se responsável pelo ensino destas matérias.

Realço também a nossa convivência como orientadores científicos e docentes do Instituto Politécnico da Covilhã, precursor da actual Universidade da Beira Interior – com numerosas viagens em que falámos em que falávamos dos mais variados assuntos desde os seus tempos no «Palheiro» (Instituto do Professorado Primário) às nossas idas ao Comité Científico da OCDE e à Fundação Europeia da Ciência; desde o futebol (sobretudo quando comprava o jornal do Belenenses) às tradições da sua aldeia natal, de que tanto se orgulhava (em especial quando estava a ultimar a sua interessante monografia *Miuzela, a Terra e as Gentes*); desde o ensino em Portugal aos assuntos da Academia das Ciências de Lisboa.

E foi, afinal, nesta última instituição, quase sempre tão mal compreendida entre nós (na sua linguagem tão característica e expressiva, Pinto Peixoto costumava dizer que somos conhecidos dos Pirinéus para lá mas ignorados de Vila Franca de Xira para cá) que o nosso convívio se tornou mais intenso, cimentando uma amizade que fora crescendo ao longo de anos de trabalho na Faculdade de Ciências.

Quando entrei para a Academia já ele lá se encontrava há dez anos. Mas com membros dos corpos directivos (por eleição dos nossos pares), fomos quase contemporâneos: ele como Vice-Presidente e logo a seguir Presidente da Classe de Ciências (e, por inerência, Presidente da própria Academia em anos alternados), eu como Tesoureiro (e responsável pelas relações internacionais). Pude assim acompanhar uma verdadeira revolução que operou na Casa do Duque de Lafões ao ver-se com as responsabilidades da presidência: salas inóspitas e degradadas, mal aproveitadas, tornaram-se locais acolhedores, óptimas salas para exposições e para reuniões nacionais e internacionais. Iniciadas, pelo seu antecessor, as comemorações do segundo centenário da Academia, ele deu-lhes continuidade, e a década 1979-89 foi das mais activas da instituição, com importantes simpósios e colóquios sobre temas na fronteira dos conhecimentos (e colaboração internacional) e com outras realizações de grande interesse social, tais como *Os Acidentes de Viação e os seus Problemas*, *Problemática da Droga em Portugal*, *Problemática do Tabagismo*, *Problemática do Alcoolismo*, *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Ao seu entusiasmo se deve também a reorganização sob a esclarecida orientação do académico Rómulo de Carvalho, do Museu Maynense, com mais de duas centenas de peças de séculos passados para o ensino experimental da Física.

Pinto Peixoto amava a Academia – e sofria com as dificuldades financeiras e burocráticas que a partir de certa altura lhe criaram e que acabaram por interromper os esforços que se vinham fazendo para a levar a um digno convívio com as suas congéneres estrangeiras – e um dos seus últimos trabalhos, destinado ao *Colóquio/Ciências* da Fundação Gulbenkian e ainda não publicado, tem precisamente como tema a Academia das Ciências de Lisboa.

Em Outubro passado deixei de ter a sua companhia nas viagens à Covilhã. Não supúnhamos que a doença que então se detectou tivesse tão rápido e fatal desfecho. E assim perdemos um companheiro de muito saber, um

amigo com interesses culturais bem diversificados, um Homem com uma grande alegria de viver. Porque, como ele diria nas suas habituais citações de *Eclesiastes*:

«A sabedoria do homem reluz no seu rosto e o Todo-Poderoso mudará a sua face» (Ecl. 8, 1).

F. R. Dias Agudo

Academia das Ciências de Lisboa  
e Faculdade de Ciências de Lisboa

## — Um Colega e um Amigo

Conheci José Pinto Peixoto por ocasião das suas provas de agregação, em Maio de 1964. Era fácil de ver que se tratava de alguém «especial»; nessa época, quantos de nós eram, ou tinham sido, professores visitantes numa instituição como o MIT?

Também, entre nós, já a Academia das Ciências de Lisboa o distinguira com o Prémio Artur Malheiros e com a eleição para académico correspondente. Dois anos depois, no entanto, só dois membros do júri, ambos convidados, votariam nele para professor da sua Faculdade de Ciências!

Em 1970 volto a encontrar José Pinto Peixoto no Instituto de Alta Cultura, onde era, desde 1964, membro do Conselho do Fomento Cultural. Porém, seria no organismo sucessor do IAC, o Instituto Nacional de Investigação Científica, que viria a trabalhar de perto com Pinto Peixoto, de 1983 até à infeliz extinção daquela instituição – que ambos combatemos, acompanhados por muitos, abandonados por alguns.

Entretanto eu passava a conviver, de vez em quando, com a crescente comunidade de geofísicos portugueses, que se desenvolvia em Lisboa. Por simples razões de serviço vira-me obrigado, em finais da década de cinquenta, a reger a disciplina de Geofísica, na Faculdade de Ciências do Porto – tarefa ingrata para um físico nuclear teórico, ainda que esforçado!

Tanto bastava, naquela época de carência de quadros, para me ver chamado a participar em júris de provas que, em ritmo crescente, se realizavam em Lisboa.

Acabei, assim, em diferentes contextos, por conhecer muito bem Pinto Peixoto, tornando-nos verdadeiros amigos. A sua competência profissional e o impacto internacional da sua investigação são factos incontroversos.

Para além disso – o que já não é nada pouco – havia a sua personalidade singular de homem de cultura, de comunicador notável, de «juiz» sempre generoso. Pinto Peixoto viveu para a sua Faculdade, o seu Instituto Geofísico, a sua Academia das Ciências. O uso repetido do possessivo deriva da minha convicção que ele terá marcado indelevelmente aquelas instituições, além de algumas outras com que colaborou.

Ainda em meados de Novembro tivemos uma reunião de três dias, a sul do Tejo. Já visivelmente doente, trabalhou como todos os membros da comissão, participando activamente e contribuindo com sugestões realistas e construtivas. Entre reuniões, encontramos ainda tempo para conversar longamente sobre um texto, «A Ciência em Portugal e a Academia das Ciências de Lisboa», destinado a uma revista da Fundação Gulbenkian – possivelmente o último artigo que terá escrito.

Pinto Peixoto deixa, certamente, um grande vazio na comunidade dos cientistas portugueses e entre os seus numerosos amigos; mas deixa também uma Obra e um Exemplo.

**J. Moreira Araújo**

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

## — Em Memória do Professor Pinto Peixoto

Foi de uma forma um tanto insólita que soube do falecimento do Professor José Pinto Peixoto. Regressava de Roma, de uma estadia na Universidade «La Sapienza». No avião em que viajava veio parar às minhas mãos, por mero acaso, um diário português que noticiava o falecimento e dava alguns elementos curriculares mais significativos e conhecidos.

Durante o ano de 1996 tive uma convivência estreita e continuada com o Professor Pinto Peixoto pois ambos fomos vogais da Comissão de Avaliação Externa dos Cursos de Física, do Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesas. Nessa qualidade, fomos co-relatores de pareceres sobre diversas licenciaturas de Física e de Engenharia Física, o que nos proporcionou bastante trabalho de equipa e a oportunidade de longas conversas (ia a dizer «intermináveis conversas no espaço e no tempo») que o seu espírito culto mantinha, sem cansaço do ouvinte. Sempre com uma ponta de humor muito seu, frequentemente com uma citação latina de seu gosto.

Até fins de Novembro fui estando a par dos problemas de saúde de que o Professor Pinto Peixoto se queixava. Por isso mesmo, embora aceitando a margem de risco própria duma intervenção cirúrgica (e aquela que se corre pelo simples facto de estar vivo) foi para mim um choque muito forte a notícia do seu falecimento nas condições em que a recebi. Não é sem choque que se perde um amigo de há mais de quarenta anos, da qualidade ímpar de um Pinto Peixoto.

O ano de 1996 foi de pesado tributo da cultura portuguesa às leis da morte, de quem delas se vai libertando, parafraseando Camões. Na Literatura, recordo Vergílio Ferreira, David Mourão Ferreira, Borges de Macedo, Romeu Correia; no Teatro, Mário Viegas e Beatriz Costa; na Política, Alfredo Nobre da Costa, Teresa Santa Clara Gomes, Mário Cal Brandão e António de Spínola; na Ciência e na Física, a 6 de Dezembro, José Pinto Peixoto, professor catedrático jubilado da Universidade de Lisboa e Presidente da Academia das Ciências.

Morreu Pinto Peixoto. Morreu aquele que é um dos maiores cientistas portugueses de todos os tempos e que terá sido, certamente, o maior físico português deste século, de prestígio internacional. Deixou-nos, também, mas prevalece nas nossas memórias, o «homem honrado e de bem» que Pinto Peixoto foi, como se diz nas terras beirãs onde nasceu.

É desse «homem honrado e de bem», culto, enciclopédico, e simples como apenas alguns podem ser, que aqui quero deixar um testemunho de cunho pessoal, real-

çando uma faceta de Pinto Peixoto que julgo menos conhecida, a de «contador de histórias». Porquê tal contador de histórias? A resposta encontro-a eu num livro que Pinto Peixoto escreveu sobre a sua terra natal, «por insistência de alguns dos nossos Conterrâneos e Amigos»: *Miuzela / A Terra e as Gentes*, que terá sido um dos seus últimos escritos. Começa assim a «Introdução: memórias de infância»:

«Nas noites longas de inverno, na cozinha, à lareira e a luz do candeeiro de petróleo, a minha Avó Maria Isabel, que se sentava sempre «no seu lugar», do lado do moirão da esquerda da lareira, numa cadeirinha de fundo de palha e com braços, queria-nos a todos, sentados em bancos, à sua volta. E, assim, nos ia ensinando as várias orações, que «meninos de boa condição tinham que aprender». Eram tantas e tão variadas que é impossível recordá-las todas.»

Mas o eram só orações da Avó Maria Isabel que se aprendiam à lareira:

«Depois, vinha a visita nocturna, ansiosamente aguardada, infalível e diária, «do nosso Augusto», o nosso tio Augusto Monteiro (primo direito da minha Avó), que se sentava, numa cadeira, com almofada, do outro lado da lareira, em frente da nossa Avó.» ... «Nós aproveitávamos muitas dessas visitas para saciar a nossa curiosidade e para ouvir e relatar factos referentes às nossas gentes.» ... «E o nosso bondoso Tio Augusto, de forma lenta, compassada e arrastada, recorrendo à sua memória e ao que dizia o António Pinto do Monte (seu cunhado), fazia relatos, que nos encantavam, principalmente, o que diziam «os nossos antigos», sobre as invasões francesas e a guerra da Paluleia. Estes eram entrecortados, de quando em vez, pela minha Avó, que em reforço «das verdades do nosso Augusto», invocava os testemunhos do seu Padrinho Joaquim Monteiro, dos seus Avós.» ... «Em casos de dúvida, podia sempre recorrer-se, dizia a minha Avó, à «vossa Mamã» ou à «nossa Maria Bárbara» ... «porque elas é que sabem e têm muita coisa guardada nos nossos livros.»

Para terminar esta saborosa e elucidativa transcrição, acrescento, ainda:

«E foi, assim, nesta vivência familiar, em que se preservavam os altos valores morais, que nós recebemos um conhecimento alicerçado numa forte tradição oral e escrita, que constitui, em parte, a matéria destas notas despreziosas, que gostaríamos de transmitir aos nossos conterrâneos e amigos.»

Esta vivência familiar concorreu, decididamente, para moldar uma ética e continuar em Pinto Peixoto o testemunho que foi de seu «Tio Augusto». Para além do académico consagrado, bem humorado, apaixonado e apaixonante contador de histórias, as mais diversas, sobre terras, gentes e situações, fazendo jus a uma velha tradição beirã, hoje perdida ou quase perdida.

Aqui fica, nestas sentidas linhas, o adeus eterno ao amigo ímpar que Pinto Peixoto foi para tantos de nós que tiveram o privilégio do seu convívio.

**Manuel F. Laranjeira**

Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade Nova de Lisboa